

PODCAST CIÊNCIA SUJA

Título: [Métodos naturais: a contracepção politizada](#)

Roteirista: Jessica de Almeida

PLENÁRIA DA CÂMARA DE VEREADORES DE BELO HORIZONTE

[Neném da Farmácia] São tantas coisas que se vêm discutindo nesse momento, mas são coisas que deveriam ser discutidas com mais seriedade. E realmente vou falar para vocês aqui: aprendi muito cedo que o que mais previne doença é a fidelidade!

PLENÁRIA DA CÂMARA DE VEREADORES DE BELO HORIZONTE

[Fernanda Altoé] Doença sexualmente transmissível é uma questão cultural de promiscuidade, de incentivo à promiscuidade, e não controle de natalidade.

MEGHIE: Essas falas são de parlamentares na Câmara de Vereadores de Belo Horizonte durante a votação de um projeto de lei para inserir o “Dia Municipal dos Métodos Naturais” no calendário de datas comemorativas da cidade. A galeria da Câmara estava lotada. E o projeto de lei foi aprovado, com 22 votos a favor, 11 contra e 4 abstenções.

PLENÁRIA DA CÂMARA DE VEREADORES DE BELO HORIZONTE

[Coro de presentes] “Vida, família, liberdade!”

MEGHIE: Métodos naturais são estratégias para evitar a gestação que não envolvem camisinha, ou pílulas, DIU, etc. Em vez disso, você observa características físicas do corpo e das secreções que indicam períodos de maior ou menor fertilidade. A gente vai detalhar essa história, mas foca no tom dos discursos que você ouviu.

PLENÁRIA DA CÂMARA DE VEREADORES DE BELO HORIZONTE

[Uner Augusto] O projeto de lei não proíbe e não impõe, ele apenas sugere. Agora Belo Horizonte caminha para ser a cidade mais pró-vida do Brasil.

THEO: Pró-vida, fidelidade, promiscuidade, “vida/família/liberdade”... Pois é, uma lei que traria só mais uma data comemorativa na verdade revela um problema muito maior sobre como os direitos sexuais estão sendo atacados.

ANA MARIA COSTA

Hoje nós temos uma bancada religiosa no Congresso Nacional, que é uma bancada que tem constrangido os direitos sexuais e reprodutivos, tem impedido o avanço de projetos de lei extremamente importantes para as mulheres, tem colocado em pauta temas que significam grandes atrasos para as nossas conquistas ao longo dessas últimas décadas.

THEO: Essa é a Ana Maria Costa, médica sanitária e integrante do Grupo Temático Gênero e Saúde da Abrasco, a Associação Brasileira de Saúde Coletiva.

ANA MARIA COSTA

Nos anos 80, eu fui responsável pela formulação da política de saúde integral da mulher. Uma política que muda a perspectiva da compreensão da saúde da mulher e que inclui pela primeira vez o planejamento familiar como obrigação do governo.

THEO: Essa bancada religiosa que a Ana mencionou é a Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional. Então aqui a gente saiu de BH pra ir pra esfera federal. Ela é composta por 234 deputados e senadores, e de fato atua menos para criar leis e mais para impedir avanços.

THEO: Tanto é que a Frente monitora cerca de 9 mil proposições consideradas “nocivas para a família e a vida”, como na temática das políticas de drogas, gênero e sexualidade, e nos direitos reprodutivos.

MEGHIE: Mas no caso dos direitos sexuais e reprodutivos, essa ofensiva religiosa não está só. Ela conta com uma coalizão conservadora mais abrangente, que está ganhando mais e mais representantes no Congresso pelo menos desde 2018, com a tsunami do Bolsonaro.

INTELIGÊNCIA LTDA

[Ana Campagnolo] Eu não estou na política por outra razão que não fazer valer os princípios da minha religião. Porque eu acredito que os princípios da minha religião são benéficos para o bem comum.

RÁDIO ITATIAIA

[Nikolas Ferreira] Além de todas as reformas que a gente precisa fazer — política, leis, reforma econômica —, o que realmente o Brasil precisa é Cristo.

MEGHIE: De lá para cá, esses grupos conservadores passaram a investir numa estratégia mais difusa, e talvez por isso mais silenciosa: a ocupação do poder local. Em vez de concentrarem forças apenas em Brasília, a agenda se espalha por assembleias legislativas e câmaras municipais Brasil afora.

THEO: Um exemplo dessa atuação fica claro no documento “Mapa do Aborto Legal: Direitos reprodutivos na encruzilhada da informação”. Ele foi lançado no ano passado pela ARTIGO 19, uma ONG nascida em Londres que promove a liberdade de expressão e o acesso à informação. E traz a atividade legislativa em 111 municípios de 26 estados com foco no aborto.

THEO: Nos municípios, 66% dos 91 projetos analisados tentam bloquear o acesso à informação sobre o direito ao aborto nos casos previstos em lei. Esse é um exemplo.

MEGHIE: Outro é aquela lei na Câmara de Belo Horizonte que você ouviu no começo do episódio, que estabelece no calendário oficial da cidade o Dia Municipal dos Métodos Naturais, sabe?

PLENÁRIA DA CÂMARA DE VEREADORES DE BELO HORIZONTE

[Uner Augusto] Eu me comprometi a defender vida, família e liberdade. Dentro da nossa esfera restrita de competência municipal, são iniciativas como essa que

fazem com que eu consiga avançar a nossa agenda, sobretudo naquilo que nós convenciamos chamar de guerra cultural.

THEO: O negócio é que esses políticos estão deturpando a ciência para tentar justificar os seus argumentos. Escute só o que o Sargento Jalyson, vereador municipal de BH do Partido Liberal (PL), respondeu para as opositoras que estavam tentando barrar essa proposta.

PLENÁRIA DA CÂMARA DE VEREADORES DE BELO HORIZONTE

[Sargento Jalyson] Vou deixar só uma lembrança para as nobres vereadoras: aprovado e reconhecido pela OMS. Conhecimento é liberdade, viu?

MEGHIE: Sim, a Organização Mundial da Saúde aborda alguns métodos naturais em estudos do passado e em documentos recentes sobre contracepção. Mas ela não defende essas estratégias, ou coloca elas em pé de igualdade com camisinha, pílula anticoncepcional e por aí vai, como você vai entender melhor mais pra frente.

THEO: 2026 é ano de eleição no Brasil, e a previsão é a de que os direitos sexuais e reprodutivos apareçam nas campanhas eleitorais pelo país. Às vezes acompanhados de um discurso moralizante — como o do Jorge Messias, que mesmo assim foi rejeitado pelo Senado e não conseguiu sua vaga no Supremo Tribunal Federal.

JORGE MESSIAS NO SENADO FEDERAL

Sou totalmente contra o aborto. Absolutamente. Da minha parte, não haverá qualquer tipo de ação de ativismo em relação ao tema aborto na minha jurisdição constitucional.

THEO: Mas, às vezes, esse discurso vem com ideias que parecem científicas, que falam em eficácia, em segurança, em reconhecimento de organizações importantes de saúde. Foi esse alerta que a gente recebeu da Jessica de Almeida dentro de uma chamada de pautas que o Ciência Suja abriu com foco nas eleições. Diga aí, Jessica.

JESSICA: Oi, pessoal! Pois é, nas últimas eleições, em 2024, a Câmara de BH viveu uma guinada conservadora. O PL, o partido com o maior número de candidatos e políticos de extrema-direita eleitos, foi o mais votado da cidade em termos proporcionais. E tornou-se a maior bancada individual da casa.

JESSICA: Naquele ano, eu cobri as eleições de Belo Horizonte para uma grande rede de rádio e depois disso segui conectada à agenda de fontes que construí cobrindo política. E foi por meio delas que eu ouvi falar do Pacotão Pró-Vida, um conjunto de propostas legislativas na Câmara Municipal apresentado no início de 2025 pelo vereador Uner Augusto, do PL. Uma dessas propostas, já transformada em lei, é justamente o Dia Municipal dos Métodos Naturais.

JESSICA: O que essas fontes me falavam era exatamente como o discurso conservador — de que mulher tem que ser recatada, de que não pode existir aborto de jeito nenhum — estava incorporando justificativas supostamente científicas, ou médicas até. A ideia é passar o recado de que “Ué, se tem um método natural que

funciona super bem, eu não preciso avançar leis de aborto, nem oferecer educação sexual e métodos contraceptivos. É só seguir isso, e também não ser promíscua”.

JÉSSICA: Em um cenário de polarização política, de desinformação e de ataques a direitos já conquistados pelas mulheres, a gente precisa, no mínimo, debater uma forma responsável de uso da ciência nas campanhas eleitorais e no discurso político.

THEO: Eu sou o Theo Ruprecht.

MEGHIE: Eu sou a Meghie Rodrigues.

JÉSSICA: Eu sou a Jéssica de Almeida, repórter convidada do Ciência Suja, o podcast que mostra que em crimes contra a ciência, as vítimas somos todos nós.

— VINHETA DE ABERTURA —

UNER AUGUSTO

Quando eu assumi como vereador, nós apresentamos um grupo de projetos de lei que a gente deu o nome de Pacotão Pró-vida. A tentativa é de fazer Belo Horizonte a cidade mais pró-vida do Brasil.

JÉSSICA: Esse é o vereador Uner Augusto, do PL de Minas Gerais, que você já ouviu antes. Ele foi eleito em 2024 para um mandato inteiro na Câmara da capital mineira, mas já era vereador desde 2022. Naquele ano, o então vereador Nikolas Ferreira se candidatou para a Câmara Federal, foi eleito, e o Uner assumiu como suplente.

JÉSSICA: Foi ele o autor da lei do Dia Municipal dos Métodos Naturais. A ideia é que todo dia 7 de julho tenha eventos educativos, palestras, oficinas e outras ações sobre os métodos naturais de regulação da fertilidade.

UNER AUGUSTO

Eu achei interessante apresentar esse projeto de lei por que? Porque muitas pessoas, sobretudo mulheres, desconhecem os métodos de regulação da fertilidade naturais.

JÉSSICA: O Uner deu essa entrevista pra mim no gabinete dele, no segundo andar da Câmara Municipal. Enquanto eu esperava por ele na recepção do gabinete, notei uma pilha de panfletos que informava, abre aspas: “Estão matando bebês no útero e a autoridade dos pais. Abortos sem consentimento dos pais já estão acontecendo!”. Na porta do gabinete, tinham cartazes com palavras de ordem conservadoras.

JÉSSICA: Mas apesar da vibe de alerta para uma espécie de ofensiva abortista em curso no Brasil e da postura dura do Uner quando discursa em plenárias, tanto ele quanto o assessor que me recebeu foram muito gentis, pacíficos e tranquilos.

JÉSSICA: E eu acho que parte dessa tranquilidade é que ele não estava ali defendendo valores morais para uma jornalista claramente progressista. É que ele estava se valendo da ciência, ou do que ele achava que era ciência.

UNER AUGUSTO

Eu digo isso porque a minha esposa utilizou métodos de regulação da fertilidade natural. Os dois que ela mais utilizou foram o Creighton e o Billings, que são métodos reconhecidos pela comunidade científica, reconhecidos pela OMS, Organização Mundial da Saúde, como métodos válidos.

JÉSSICA: Então a ideia parece simples: oferecer mais uma opção legítima de planejamento familiar, com respaldo científico, ao ponto de ter um carimbo da OMS. Ok. Mas daí eu fui olhar mais de perto e vi que não é tão simples como parece.

JÉSSICA: O Método de Ovulação Billings e o Método Creighton se baseiam no conhecimento do ciclo menstrual e da fertilidade. Eles são conhecidos pela ciência não como contraceptivos exatamente, mas como métodos de observação do período fértil.

JÉSSICA: Ao longo do ciclo menstrual, o corpo muda e uma dessas mudanças está na forma, na textura e na quantidade de uma secreção produzida pelas glândulas do colo do útero. E que é super, super, super, super natural.

JÉSSICA: Na maior parte do mês, ele é mais espesso, opaco, às vezes até imperceptível. Conforme a ovulação se aproxima (e a chance de engravidar aumenta), esse muco fica mais claro, mais elástico, parecido com clara de ovo. E surge também uma sensação diferente de umidade no canal vaginal. São esses sinais que os métodos como o Billings e o Creighton ensinam a observar.

JÉSSICA: Então, se bem informada, a pessoa reconheceria esses sinais de maior fertilidade e, em acordo com o parceiro, pode não fazer sexo nesses dias, se não deseja ter filhos. Ou, pelo contrário, ter relações sexuais para aumentar a chance de gravidez.

THEO: Eu sei que parece um papo meio tilelê, mas existem períodos de maior fertilidade, e eles realmente vêm acompanhados de mudanças no corpo. O negócio é entender se esses métodos naturais realmente são uma opção que a gente deveria estimular, principalmente como política pública. Entender a origem do Billings pode ajudar nesse sentido.

THEO: No ensino moral de algumas tradições religiosas, principalmente as cristãs, a “sacralidade da união sexual” seria indissociável da abertura aos filhos. Ou seja, o sexo não deve ser separado por completo da reprodução. Então quem deseja seguir esse ensinamento de modo mais literal busca métodos que não separem essas duas dimensões, mas que, ao mesmo tempo, sejam efetivos no planejamento familiar.

THEO: Você não coloca uma barreira artificial — como um anticoncepcional ou até uma camisinha —, mas fica de olho na fertilidade para segurar a quantidade de filhos pelo menos, entendeu? Esse é o posicionamento oficial da Igreja Católica. Desde o Papa Pio 12, que morreu em 1958, até hoje, eles incentivam a observação da fertilidade para uma “sexualidade responsável”.

THEO: E foi justamente a partir do pedido de um sacerdote católico, o Padre

Maurice Catarinich, que na década de 1950 os médicos John e Evelyn Billings, da Austrália, começaram a estudar as características do muco vaginal que indicariam os períodos de maior e menor fertilidade. Outros pesquisadores, como o James Brown e o Erik Odeblad, avançaram nos estudos e o que então era chamado de “método de ovulação para planejamento familiar” virou nos anos 1970 o Método de Ovulação Billings, o MOB, ou só Billings mesmo.

THEO: Já o método Creighton é uma padronização científica do Billings, com uma classificação mais detalhada do muco. A secreção que no Billings seria definida como “escorregadia” ou “molhada”, no Creighton vira “10CKLx2”, por exemplo. Por causa dessas codificações complexas, o Creighton ganhou a fama de ser mais técnico que o Billings.

MEGHIE: Então, tá: tem um princípio religioso que impulsionou esses métodos. Mas isso não significa que eles não tenham qualquer ciência por trás. Aqui a gente cai nessa referência que o vereador Uner e outros políticos têm feito à OMS — aliás, curioso como a OMS é usada quando convém. Quando o assunto eram máscaras, isolamento social e vacinas na pandemia, teve muita gente do campo conservador fazendo pouco caso delas.

MEGHIE: Bom, em 1981, a Organização Mundial da Saúde realmente publicou um estudo com o Billings. Os pesquisadores basicamente ensinaram o método e acompanharam 725 voluntárias de cinco países diferentes por um ano. E, sim, o método também é citado em um manual dessa organização que aborda o uso de diferentes contraceptivos, voltado para tomadores de decisão.

MEGHIE: Mas ser citado não quer dizer que você está bem na fita. Naquele estudo antigo de 81, por exemplo, a taxa de mulheres que engravidaram ficou em 20% após um ano, o que não é nada baixo. Na conclusão, a pesquisa diz o seguinte:

TRECHO DA PESQUISA

Céticos desse método podem ter sua visão reforçada pelas tabelas de efetividade.

MEGHIE: Já o material mais recente da OMS traz uma tabela bem interessante que compara a efetividade dos métodos contraceptivos em duas situações: no chamado uso perfeito (quando a pessoa segue tudo direitinho) e no uso típico. Uso típico é o uso da realidade, em que às vezes a gente esquece de tomar a pílula, por exemplo, ou acaba não pondo a camisinha por alguma razão, ou não observa direito os tais sinais da fertilidade.

MEGHIE: Então, com uso perfeito, sem falhas, o Billings tem uma taxa de três gestações por 100 mulheres em um ano de uso. A camisinha masculina tem duas e o contraceptivo oral tem 0,3 — dez vezes menos.

MEGHIE: Já no uso típico, do cotidiano, a taxa do Billings é de 23 gestações por 100 mulheres em um ano. É o número mais alto da tabela inteira, tirando não usar nada — e olha que tem mais de 20 opções ali. Até o coito interrompido está melhor, com 20 gestações. A camisinha fica com 13, e as pílulas, com sete.

MEGHIE: Pra se ter ideia, no capítulo dos “métodos baseados na conscientização da fertilidade”, aparece o seguinte recadinho em cada item da lista:

MANUAL DA OMS

Mulheres com condições que fazem a gestação ser um risco inaceitável devem ser orientadas de que esses métodos podem não ser apropriados pelas taxas relativamente mais elevadas de falha no uso típico.

THEO: É importante destacar que o Billings não é o único método de conscientização da fertilidade. Tem alguns que usam aplicativos, e outros que até medem a temperatura do colo do útero, com taxas significativamente melhores (e o Creighton, aliás, nem é citado no documento da OMS). Mas um ponto essencial é que esse tipo de estratégia é particularmente complicado de adotar sem erros.

THEO: Estratégias como o dispositivo intrauterino, o DIU, têm taxas de uso perfeito e de uso cotidiano praticamente idênticas, porque ele é instalado dentro do corpo da pessoa, e a pessoa não faz mais nada. As pílulas já complicam um pouco, porque é necessário tomar nos dias certos, e em horários parecidos. A camisinha também tem aquela coisa de parar para pôr, e tudo mais.

THEO: Mas nos métodos naturais, começa que você precisa identificar sinais do muco, ou medir temperatura do colo do útero, ou outras coisas do tipo, e isso nem sempre é simples. Mais do que isso, situações como sangramento vaginal irregular, amamentação e doenças que elevam a temperatura corporal podem comprometer a eficácia. E você ainda por cima precisa entrar em abstinência nos dias de maior fertilidade.

THEO: Uma outra questão é a ausência de proteção contra infecções sexualmente transmissíveis. Mas aqui, claro, o único método contraceptivo eficaz é a camisinha. E adendo que o risco de contrair uma IST não desaparece nas relações estáveis, mas o uso de preservativo tende a cair. A falsa sensação de segurança e os abusos sexuais merecem um episódio à parte no tema dos direitos reprodutivos, mas recado dado aqui, gente.

MEGHIE: O lado bom dos métodos naturais é que eles não trazem efeitos colaterais. No fim das contas, dá para usar essas coisas junto com preservativos (assim como a pílula). Então a OMS realmente não condena o uso, mas também não defende coisa nenhuma. O que ela faz é um dossiê de cada método anticoncepcional, e depois destaca que os tomadores de decisões — os governantes, vereadores — devem considerar a situação de cada local para adotar as melhores estratégias contra gestações indesejadas.

MEGHIE: Do ponto de vista individual, a Ana Maria Costa, médica da Abrasco que você já ouviu antes, dá o recado:

ANA MARIA COSTA

As mulheres têm que escolher o método que é o adequado, que é possível e que é o desejável para ela naquele momento de vida. Como é que ela escolhe? Tendo informações precisas, compartilhando conversas com seus profissionais, com os

profissionais que as assistem e, principalmente, dispondo de todas as alternativas, de acesso às tecnologias.

MEGHIE: Os métodos naturais existem e são estudados. Mas eles não deveriam ser embotados com conceitos tortos de família, religiosidade, promiscuidade, valorização da vida... Quando essas coisas ganham força, a ciência sai de cena, e o debate se torna politiquero, ou oportunista. Então depois do intervalo, a Jéssica volta para mostrar como a contracepção e os direitos reprodutivos têm sido instrumentalizados para alavancar o conservadorismo.

INTERVALO

THEO: O Ciência Suja tem apoio do Instituto Serrapilheira, que valoriza a ciência e a comunicação científica no Brasil. Obrigado mesmo por estarem conosco desde o começo do projeto.

MEGHIE: Eu queria aproveitar e agradecer os nossos assinantes do financiamento coletivo, em particular o Henrique Vaughan, o Wagner Fiel, o Marco Souza, a Raquel Barbosa Cintra e outros apoiadores da categoria Paladinos da Ciência.

MEGHIE: Nossa base de apoiadores tem crescido aos poucos agora que a gente está com a produção recorrente, mas ainda precisamos avançar bastante para tocar o barco aqui e seguir contratando jornalistas como a Jessica para fazer essas investigações, inclusive a partir de diferentes pontos do país.

MEGHIE: Então que tal buscar pelo Ciência Suja na Apoia.se, Patreon ou na Orelo, e assinar um dos nossos planos? Tem newsletter, acesso antecipado a episódios, sorteio de livros...

VOLTA DO INTERVALO

LUCIANA PANKE

E quando eu falo “ainda resgatam”, é porque esse discurso faz décadas que está circulando na política brasileira e é um discurso que colou.

JÉSSICA: A professora Luciana Panke, do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná, é uma das principais pesquisadoras de comunicação política no Brasil. Há mais de 20 anos ela estuda como os discursos políticos são construídos, e como eles ganham força, principalmente em momentos de disputa eleitoral.

LUCIANA PANKE

A questão não é ser pró-vida, a questão é ser contra o aborto, só que isso não é dito. Isso não está sendo dito, mas está ali nesse discurso. E as religiões, especialmente pentecostais, religiões um pouco mais também conservadoras, no papel submisso da mulher e tudo, vão entrar com tudo defendendo esse tipo de PL.

JÉSSICA: A Luciana me contou que os direitos sexuais e reprodutivos eram, inicialmente, relacionados a um grupo que ela chama de “progressistas” ou “de esquerda”. O foco estava na promoção de decisões livres e informadas sobre sexualidade e reprodução no Brasil.

JÉSSICA: Havia uma ação panfletária de grupos religiosos e debates que transbordavam julgamento moral, é claro, mas nada que realmente ameaçasse os avanços legislativos que vinham ocorrendo no campo da saúde.

JÉSSICA: Mas com a ascensão recente da extrema direita na política e nas redes sociais, e uma influência legislativa cada vez maior de nomes ligados à Igreja, os direitos reprodutivos foram incorporados também aos discursos de grupos conservadores. Se a gente olhar para a última década, principalmente, temas como gênero e sexualidade viraram componentes centrais de disputa política no país.

JÉSSICA: Segundo a Luciana Panke, pseudociência e religião estão se misturando para ganhar espaço em câmaras municipais e outros espaços de poder. Ela falou que cada vez mais a gente ouve palavras como “estudos indicam” ou “pesquisa tal afirma que”, mas sempre sem saber onde estão esses trabalhos, e se eles realmente são bons.

LUCIANA PANKE

Essas palavras, quando elas são ditas, de uma maneira que parece que ela estudou, que ela entende daquele assunto, que ela tem essa autoridade, é muito provável que gere confiança. Só que essa confiança vai vir quando tiver também o contato emocional.

JÉSSICA: Então a ciência contribui para essa autoridade, para esse apelo à racionalidade. E aí vem o coração e a fé.

LUCIANA PANKE

Os filhos, quem manda é Deus. Por isso que eu falei que não está desassociado em momento nenhum da religião. Porque há religiões que dizem, justamente, os filhos são mandados por Deus. E se vier 10? 10! E se a mulher sofrer violência, se ela for contaminada por alguma IST, é tudo desígnio divino, porque a mulher tem que obedecer o homem. Isso é o aspecto emocional que é, então, validado, fortalecido por esse discurso pseudocientífico.

JÉSSICA: Ou seja, os discursos pró-vida que antes se ancoravam na argumentação religiosa e puramente emocional agora estão ganhando um verniz científico que acaba colando com muita gente. E tem um exemplo extravagante disso:

TV CÂMARA OSASCO

A partir de dados científicos, a Igreja concebe a vida humana desde o momento em que o espermatozóide fecunda o óvulo. Ali já tem todo um programa genético, a identidade humana já está pronta, e é a mesma identidade que será para todo o sempre. Ali há um ser humano desde a concepção. E a Igreja defende a vida humana, não só com dados de fé, mas dados científicos.

JÉSSICA: Isso aí foi dito em outubro de 2023 por um sacerdote da Diocese de Osasco na Câmara Municipal da cidade, que também tem uma Frente Parlamentar em Defesa da Vida e da Família para chamar de sua. Mas possivelmente você já ouviu em outros lugares versões desse argumento. Pois é, isso vêm sendo fabricado, inclusive com a ajuda das redes sociais.

LUCIANE BELIN

É um ponto muito visto em pesquisas sobre descriminalização do aborto, nós temos visto que a argumentação contrária à descriminalização passou por uma evolução no discurso nos últimos anos. E isso acaba aparecendo também em outras pautas relacionadas a direitos sexuais e direitos religiosos.

THEO: Essa é a Luciane Belin, jornalista e pesquisadora do NetLab, um laboratório da Universidade Federal do Rio de Janeiro que estuda desinformação na internet. Ela pesquisa gênero, misoginia e direitos sexuais e reprodutivos, especialmente nessa interface com o mundo digital.

LUCIANE BELIN

Quando se olha para projetos de lei, decretos e proposições legislativas, o que a gente enxerga é que a retórica moral e a retórica pró-vida vem dando lugar a uma linguagem mais formal, mais especializada, que recorre a termos e a uma linguagem mais parecida com a científica.

THEO: Como você sabe, o Ciência Suja tem uma parceria com o NetLab, onde a Luciane trabalha. Então a Jéssica pediu para ver se seria possível fazer um pequeno levantamento sobre como aquele papo de métodos naturais — de Billings, Creighton e afins — está circulando nas redes sociais. E a Luciane, para nossa alegria, fez isso com exclusividade.

LUCIANE BELIN

Nós buscamos em grupos de WhatsApp e do Telegram, e nesses espaços que são grupos políticos que a gente monitora no NetLab, a gente não encontrou nada. Então acho que vale dizer que esse assunto ainda não está circulando com tanta intensidade em grupos de WhatsApp e Telegram.

THEO: Pelo visto, os métodos naturais particularmente estão ainda nos primeiros passos, quando a gente fala em repercussão. Mas tem um ponto bem interessante:

LUCIANE BELIN

Então, nós também fizemos buscas exploratórias com diferentes palavras-chave, como “método de ovulação Billings”, “modelo de ovulação natural”, “métodos naturais contraceptivos”... A gente fez algumas combinações diferentes de palavras-chave. E no Facebook e Instagram, considerando conteúdos orgânicos, nós identificamos principalmente posts de paróquias e dioceses divulgando eventos sobre o método MOB em igrejas.

THEO: E o discurso, segundo a Luciane, está caminhando para conclusões perigosas.

LUCIANE BELIN

Nesses posts, sobre religião, é um discurso de que esse método natural é um método eficaz e condizente com a fé católica. Então, dando a entender que os outros métodos contraceptivos não são condizentes com a fé católica ou com a fé cristã.

THEO: Na votação para aquele Dia dos Métodos Naturais de Belo Horizonte, a vereadora e economista Luiza Dulci, do Partido dos Trabalhadores, foi contra a proposta. Ela vai também vai nessa linha da Luciane de como discursos desse tipo podem trazer repercussões reais.

LUIZA DULCI

Isso incide sobre a vida das mulheres e principalmente sobre a vida de mulheres mais pobres da cidade, que às vezes são aquelas que têm menos informação, que já são muito alvo de gravidezes indesejadas. Então, se você diz para essas meninas e para os seus parceiros que não precisa usar camisinha, que você pode usar outro tipo de método, você está colocando a vida dessa pessoa em risco.

MEGHIE: Esse risco não é hipotético: há estimativas sobre o impacto de gestações indesejadas para a saúde, para a vida daquelas pessoas e para o sistema público. No Brasil, cada caso desses custa mais de 2 mil reais aos cofres públicos, o que chegaria a 4,1 bilhões de reais por ano — e olha que essa estimativa é de 2018, da professora Carolina Sales Vieira, da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da USP, em entrevistas para a Veja Saúde e BBC.

MEGHIE: Segundo essas matérias, 75% das adolescentes que engravidam deixam os estudos, e isso afeta a renda, a autonomia e por aí vai. Essas gestações também impulsionam o aborto inseguro, já que o Brasil só permite essa prática em situações específicas, e mesmo aí há problemas. Um estudo indica que, em 2016, 500 mil abortos ilegais teriam sido feitos, e aí o risco de problemas para a saúde aumenta.

MEGHIE: Ah, e sabe aquela história de que as pílulas aumentam o risco de trombose? Então, verdade: a probabilidade fica entre três e cinco vezes maior mesmo, embora o risco absoluto seja bem baixo (0,05%). Só que a gestação em si também favorece a trombose, e com mais força: ela aumenta de cinco a dez vezes a chance desse problema, então é meio que o dobro.

MEGHIE: Isso não é uma defesa irrestrita aos contraceptivos orais, que têm efeitos negativos e até contra-indicações em certos casos. Mas é só para dizer que a falha de um método natural também traz problemas, e eles não são pequenos. Então esse discurso traz consequências.

CÂMARA NOTÍCIAS

[Atriz Nyedja Gennari] “Não! Não acredito! Essa injeção! Essa agulha! Não! Quero continuar vivo! Vai doer, eu sei! Vai doer muito! Não façam isso! Vocês também vão sofrer! Por Deus, eu imploro! Ainda é possível!”

THEO: Isso que você ouviu é o trecho de uma encenação dramática de um feto tentando sobreviver a um aborto. Ela aconteceu no Plenário do Senado Federal em 2024. O vídeo circulou bastante pela internet naquela época.

CÂMARA NOTÍCIAS

[Atriz Nyedja Gennari] Essa história, embora trágica, colorosa, é um chamado à reflexão para que todos compreendam a seriedade e as consequências do aborto. E para que as vidas dos inocentes sejam protegidas e valorizadas acima de tudo. É para isso que o senador Girão luta e trabalha. Eu sou Nyedja Gennari, contadora de histórias. *[aplausos]*

THEO: A Nyedja foi convidada pelo senador Eduardo Girão, do partido Novo cearense, e narrou um texto fictício com várias inverdades científicas e uma estratégia de apelo emocional. A performance ocorreu durante uma sessão temática sobre o PL 1904, que propõe equiparar o aborto após 22 semanas ao crime de homicídio.

THEO: Essa performance foi amplamente repudiada, é claro, e gerou um debate sobre o uso do plenário do Senado para uma encenação dessas. Mas, mais que o sensacionalismo, esse caso aí levanta a discussão sobre o pouco caso com evidências científicas de qualidade que alguns senadores têm, e o efeito disso no SUS. Quem trouxe isso pra gente foi a historiadora Polyana Valente, professora da Universidade do Estado de Minas Gerais, a UEMG.

POLYANA VALENTE

O SUS é pautado pela ciência e pela evidência técnica. A substituição desse critério por crenças religiosas pode acarretar na incorporação de terapias sem comprovação científica ou na rejeição de tratamentos eficazes.

THEO: A Polyana tem mestrado e doutorado na área de História das Ciências, e atua como pesquisadora colaboradora da Fiocruz Minas. Segundo ela, qualquer movimentação aparentemente simbólica e local, como o Dia dos Métodos Naturais, intensifica esse cenário.

POLYANA VALENTE

E pode criar também precedentes para que outras denominações, outras ideologias, reivindicuem reconhecimento e financiamento público.

THEO: Tudo bem que a articulação municipal não desmonta regras nacionais do SUS, que são definidas no plano federal. Mas há consequências práticas no município também, como falta de encaminhamento adequado de pacientes, falta de divulgação de informações realmente baseadas na ciência sobre planejamento familiar, ausência de campanhas sobre métodos hormonais ou de barreira, dificuldade de encontrar serviços aos quais temos direito.

POLYANA VALENTE

Eu vejo com bastante preocupação. Essa ausência da base técnica e do debate político qualificado, traz riscos imediatos e ao longo prazo, gerando insegurança sanitária, esse avanço de formulações políticas baseadas na ideologia e na desinformação, o que pode aumentar o efeito das desigualdades, inclusive no cuidado e na gestão dos direitos reprodutivos das mulheres.

THEO: Então o que esperar para essas eleições? A Jéssica conversou com especialistas sobre isso também.

JÉSSICA: É, e eu queria voltar para a Câmara Municipal de BH, que aprovou o Dia dos Métodos Naturais. Naquele momento, o argumento parecia simples: uma escolha, um método, um direito. Mas a gente viu que não é só isso, e eu fiquei imaginando que, em ano eleitoral, os discursos saem do plenário e entram nas campanhas.

JÉSSICA: Para entender melhor esse fenômeno, eu fui conversar com a Marlise Matos, professora do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais. Ela é coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher, o Nepem.

MARLISE MATOS

Eu não tenho nenhuma dúvida que toda discussão em torno da saúde sexual e da saúde reprodutiva será politizada e retornará como uma pauta sensível, uma pauta fortemente tensionada no processo eleitoral de 2026.

JÉSSICA: Para a Marlise, a gente tem que estar sempre com as orelhas em pé.

MARLISE MATOS

A história nos mostra que esse movimento será orquestrado, que a gente precisa estar preparada, com muita desinformação em tempos de inteligência artificial, o que é mais grave ainda.

JÉSSICA: A Marlise inclusive ampliou o diagnóstico e contou que esse movimento para restringir direitos sexuais e reprodutivos está dentro de um momento político global que está sendo chamado de “desdemocratização”.

JÉSSICA: O V-Dem, Variedades da Democracia, é um dos principais índices de qualidade da democracia global. Ele é produzido pela Universidade de Gotemburgo, na Suécia, e produz relatórios anuais com dados abrangentes.

JÉSSICA: De acordo com o relatório V-Dem de 2025, mais de dois terços da população mundial viviam sob alguma forma de autocracia em 2024. Por trás desse dado, tem o fato de que cerca de um terço da população mundial vive na Índia, classificada como autocracia eleitoral, e na China, chamada de autocracia fechada.

JÉSSICA: Agora pensa: em 2024, só 28% da população mundial, ou 2,3 bilhões de pessoas, viviam em democracias. É quase metade em relação aos quase 4 bilhões de pessoas em 2016, por exemplo.

MARLISE MATOS

Então, nesse contexto geral, Jéssica, em que a gente está vendo um avanço crescente dessa retórica da direita, da extrema-direita, da nova direita, seja lá o nome que você queira dar; eles estão sendo tão eficazes que eles estão conquistando países inteiros. Eles estão se expandindo no mundo inteiro.

JÉSSICA: O Brasil, inclusive, é descrito pelo V-Dem como uma democracia eleitoral que passou por uma ligeira, mas notável, subida nos níveis de autocracia até 2022/2023. Essa autocratização brasileira recente começou com a eleição de Jair Bolsonaro em 2018, marcada por ataques ao STF e governadores da oposição; seguiu com as tentativas dele de controlar e ridicularizar internacionalmente o

sistema eleitoral brasileiro a partir de 2021; e, por fim, com as manifestações violentas estimuladas por Bolsonaro entre dezembro de 2022 e janeiro de 2023, quando ele foi derrotado nas urnas.

JÉSSICA: Em momentos de declínio democrático e avanço autoritário, os direitos não são retirados todos de uma vez. O controle sobre a reprodução, a sexualidade e a autonomia feminina costuma ser um dos primeiros alvos. Quer exemplos? Propostas como a PEC 181 para tornar o aborto crime desde a concepção e os debates sobre o limite de tempo para aborto legal em casos de estupro, inclusive com anuência do Conselho Federal de Medicina, o CFM.

ILANA AMBROGI

A questão da sexualidade é uma tecnologia de poder, então ela vai ser sempre tensionada, especialmente em momentos de crise, que é o ciclo do capitalismo. Então, sempre vai ser, acho que a gente tem a Simone de Beauvoir falando que bastou uma crise que nossos direitos vão ser os primeiros a serem, não só das mulheres, mas acho que de qualquer grupo que sofre muitas opressões.

JÉSSICA: Essa é a Ilana Ambrogi.

ILANA AMBROGI

Eu sou médica, trabalho na Anis Instituto de Bioética como pesquisadora, e tenho doutorado em bioética, ética aplicada e saúde coletiva.

JÉSSICA: Nesse processo lento e gradual de desdemocratização, de alta influência religiosa nas esferas do poder, é preciso ter muita atenção, porque o retrocesso não precisa vir com uma grande ruptura; ele pode chegar aos poucos, com várias ações pequenas somadas.

ILANA AMBROGI

O Estado tem toda sua institucionalidade, mas ele também é feito por nós. Então esse trabalho de a gente estar sempre atento e pautando para não normalizar, para não minimizar esse tipo de ataque a direitos sexuais e reprodutivos, de ataque à ciência.

JÉSSICA: O Dia dos Métodos Naturais foi pautado pela Câmara Municipal de BH. Mas ele não fala só sobre a cidade que eu vivo, ou só sobre as belo-horizontinas. Esse e outros exemplos precisam ser vistos, e enfrentados, com esse olhar muito mais amplo, nacional, ou global até.

MEGHIE: A gente procurou a Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte para uma posição sobre o Dia dos Métodos Naturais, e a secretaria informou em nota que “cabe à mulher a escolha do método contraceptivo”. Mas ela também afirmou que é um dever dos profissionais de saúde atuarem como...

NOTA DA SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE DE BELO HORIZONTE

“Facilitadores do processo, oferecendo informações claras, imparciais e atualizadas sobre os diferentes métodos disponíveis, incluindo eficácia, possíveis efeitos colaterais, contraindicações e modo de uso”.

MEGHIE: A nota completa está no nosso site. Lá no cienciasuja.com.br, na descrição do episódio e nas nossas redes sociais, a gente também deixou vários materiais complementares do episódio.

MEGHIE: Antes de partir pros créditos, eu queria lembrar que o Ciência Suja é um membro da Rádio Guarda-Chuva, que reúne podcasts independentes de jornalismo muito bacanas. Tem programa para todo gosto e perfil, então dessa vez eu queria sugerir para você acessar as redes sociais e o site da Rádio Guarda-Chuva e experimentar um novo, que tal? Depois você volta aqui ou nas nossas redes sociais e conta o que achou!

CRÉDITOS

MEGHIE: Este episódio do Ciência Suja foi apresentado por mim, Meghie Rodrigues, pelo Theo Ruprecht e também pela Jéssica de Almeida, que fez toda a apuração e o roteiro. Muito obrigado por mandar a pauta e por tocar ela tão bem aqui com a gente!

JESSICA: Foi um prazer fazer jornalismo com vocês, pessoal. Contem comigo para tudo e até a próxima!

MEGHIE: As vozes complementares do episódio são do Felipe Barbosa. A gravação dele, minha e do Theo aconteceu no estúdio Tyranosom. Já a Jéssica gravou de casa, com apoio do Felipe Barbosa.

THEO: A edição do texto foi feita por mim, com o apoio de toda a equipe.

MEGHIE: A edição de som, mixagem, trilhas originais e a masterização são do Felipe Barbosa.

THEO: Nesse episódio, você ouviu áudios da Câmara Municipal de Belo Horizonte, CNN, TV Câmara Osasco, Câmara Notícias, Rádio Itatiaia e Inteligência Ltda.

MEGHIE: A Mayla Tanferri e o Guilherme Henrique fizeram a arte de capa e o nosso projeto gráfico.

THEO: O nosso site foi desenvolvido pelo Estúdio Barbatana. Lá você tem mais informações sobre como consegue ajudar a gente a seguir com o Ciência Suja, e os bônus que recebe ao participar do financiamento coletivo. É www.cienciasuja.com.br

MEGHIE: Você encontra mais informações nas nossas redes sociais, que são tocadas pelo Pedro Belo. O Ciência Suja está no Instagram, Facebook, TikTok, Twitter e Blue Sky.